



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

REQUERIMENTO NÚMERO 0621 /18.

AUTOR: Vereador ELIAS CHEDIEK

DESPACHO:

À COMISSÃO DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E REDAÇÃO.

Araraquara, 04 MAI 2018



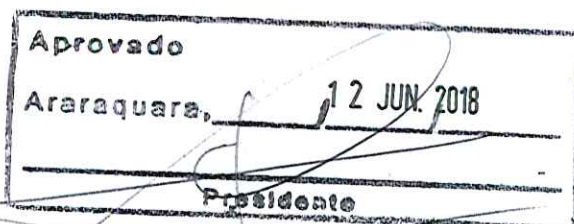
Presidente

Requeiro, nos termos do Artigo 211- A, do Regimento Interno, que fique constando nos anais desta Casa de Leis a matéria publicada na Revista Kappa Magazine de 30 de abril de 2018 – ano 08 - Edição 143, na Edição HISTÓRIA, páginas 52; 53 e 54, sob o título “**LUIZ MANELLI**: um ex-ferroviário cheio de boas recordações”.

Dê-se conhecimento desta deliberação a Revista Kappa Magazine e ao homenageado.

Sala de sessões “Plínio de Carvalho” 03 de maio de 2018.


ELIAS CHEDIEK
Vereador





f/kappamagazine

ANO 8 EDIÇÃO 143

ARARAQUARA

kappa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

30 DE ABRIL DE 2018



MAGAZINE



VITTA RESIDENCIAL: UMA MARCA DE COMPROMISSO EM ARARAQUARA

A Vitta Residencial Construtora e Incorporadora comemora o sucesso de cinco empreendimentos lançados em pouco mais de um ano: os condomínios do Vale dos Ipês e o Acácia Residence



LUIZ MANELLI:

um ex-ferroviário cheio de boas lembranças



Por Fernanda Andrade
Fotos Márcia Belotti

Uma vida dedicada à ferrovia. É assim que o Luiz Manelli resume seus 81 anos, sendo 30 deles trabalhados na Estrada de Ferro de Araraquara (EFA). Mas essa ligação começou antes, ainda na adolescência, na Escola Profissional Ferroviária. Um laço que segue ainda hoje, com ele à frente da União dos Ferroviários de Araraquara (UFA), como presidente.

“Com 15 anos entrei na escola que ficava na Avenida São Paulo, lá tinha aula teórica no período da manhã e depois do almoço ia para a oficina, nas aulas práticas. Lá eu frequentava diversos cursos e a noite ainda ia para o ginásio”, diz Manelli, lembrando que o

Ele seguiu entre os trilhos da adolescência até se aposentar. Aqui representa essa categoria que tem como seu o dia 30 de abril

curso mais concorrido era o de torneiro mecânico, no qual ele se formou.

O ex-ferroviário recorda que no início do curso os alunos faziam um pouco de tudo e só no terceiro ano se definia a profissão que ia seguir: os melhores classificados tinham o direito de escolher, já que para torneiro mecânico só tinham cinco vagas.

“Nossas ferramentas não tinham valor pela marca, era valor histórico, sentimental, porque era a gente mesmo que fazia para trabalhar. De lá saíram profissionais excelentes”, recorda, orgulhoso.

Manelli iniciou sua jornada na Estrada de Ferro de Araraquara (EFA), aos 18 anos e lá ficou durante 30 anos, sendo 1 ano e meio de trabalho na oficina e os outros no escritório, até se aposentar. Nos últimos três anos na EFA, esteve em São Paulo, no departamento jurídico, na Estação Júlio Prestes. Trabalhou com as locomotivas a vapor. Conta que quando estavam chegando as locomotivas a diesel ele foi transferido para o escritório, na época, para uma sessão que controlava despacho de encomendas. “Tinha todo o conforto e estava ali para con-



Luiz Manelli acompanhou o auge e o declínio do transporte ferroviário na cidade



Uma máquina de calcular como essa foi instrumento de trabalho de Manelli por muitos anos

ferir o serviço de quem recebia as encomendas. Se tinha alguma coisa errada, eu tinha que fazer uma carta de erro e o funcionário tinha que assinar, com isso ele perdia pontos na hora

de ser promovido. Mas meu coração apertava na hora de mandar a carta, sabia como era a correria do trem apitando, o funcionário vendendo passagem e tendo que fazer tudo sozinho.

Carmezin
By
Mirian Martins

*O presente que sua Mãe
merece está aqui!*



LOJA 1 : Av. Dr. Afrânio Peixoto, 458 - jd Imperador
TEL: 3324-7975/ 3461-0090
Espaço de Beleza Carmezin

LOJA 2: R: Voluntários da Pátria, 1912 - Centro
TEL: 3461-7975 / 3461-1912
Espaço Mirian Martins



Durante muitos anos, máquinas como essa faziam parte do dia a dia de trabalho de Manelli

Por isso, na maioria das vezes, eu dava uma chance para eles informarem o que tinha acontecido, antes de fazer a carta de erro”, lembra Manelli

Desses anos todos que trabalhou nesse ramo, ele tem muitas recordações das quais se orgulha e sente saudade. “Quem trabalhava na ferrovia era muito respeitado, se chegasse em uma loja para fazer um crediário, não te perguntavam mais nada, só de ser ferroviário já abriam as portas. Até lambreta o pessoal chegou a comprar a prestação”, relata, dando risada.

UMA FERROVIA NA CIDADE

Durante muito tempo Araraquara era cortada por trilhos e trens em constante movimento, cheios de passageiros. Era uma época em que a ferrovia movimentava a economia da cidade, principalmente o comércio, e tudo girava em torno dela, segundo Manelli. “Naquele tempo não tinha muita indústria na cidade; a maioria das mulheres trabalhava na fábrica Lupo e os

homens, na ferrovia”. E ele completa com mais recordações: “Você entrava no trem, numa viagem daqui para São Paulo, e era muito agradável. Tinha o trem restaurante, você podia ir comendo, vendo a paisagem, era um transporte limpo, não atrasava”.

E ele faz questão de enfatizar: “E nessa época, quando ainda era um menino, eu já ouvia falar na retirada dos trilhos”.

Ainda na opinião do ex-ferroviário, se tivessem investido na malha ferroviária, hoje poderia ter uma linha duplicada, onde uma viagem até São Paulo seria feita em duas horas, com conforto e menos risco de acidente. “Hoje isso é uma realidade inviável, porque deixaram tudo acabar”, lamenta Manelli, comparando o Brasil a outros países que investem no transporte ferroviário. “Enquanto outros países evoluem na ferrovia - o Japão tem trem bala, os Estados Unidos tem trem que atravessa o país inteiro, na

Europa você vai de país para país de trem -, aqui estão acabando com a nossa ferrovia, e o, sobrou é para carga e, ainda assim, precário”, desabafa.



UMA PAIXÃO PARA VIDA TODA

Mesmo aposentado, Luiz Manelli não se distanciou do contato com a história da ferrovia. Há 14 anos é presidente da União dos Ferroviários de Araraquara (UFA), entidade na qual já atuou em todos os cargos. Ele se diz consciente de que faz parte de uma história que se aproxima do fim.

“A UFA é uma sociedade que, infelizmente, caminha para a extinção. Funcionava bem quando tinha a Ferrovia Paulista – Fepasa, com os funcionários na ativa. Hoje, os sócios que temos são todos aposentados, não há renovação, não temos recursos, essa é nossa realidade”, conclui.